

# A centralidade da burocracia estatal francesa na ocupação e exploração de terras e povos estrangeiros: a formação da “máquina colonial francesa” e a participação do país na “corrida pela Oceania”

Felipe Antonio Honorato<sup>28</sup>

## 1. Introdução

Gascoigne (2015) destaca que a França tem uma tradição de envolvimento entre burocracia e impulso científico e cita, também, uma ligação entre burocracia e centralização instintiva da informação. Não à toa, houve na nação europeia a formação de uma máquina científico-burocrática, altamente burocratizada e centralizada, que atuou para defender os interesses nacionais e coloniais franceses (McCLELLAN III; REGOURD, 2001) e se expandiu justamente no período de consolidação da França como uma das grandes potências coloniais mundiais - a “máquina colonial francesa”. O objetivo deste artigo é discutir a relação entre a formação paulatina de uma burocracia estatal francesa voltada para o colonialismo e a expansão do império colonial francês, olhando mais especificamente para o século XVIII, período de intensa exploração da Oceania por parte de ingleses e franceses onde a participação do Estado foi decisiva para que a França

---

28 Doutorando em Mudança Social e Participação Política, mestre em Estudos Culturais e bacharel em Gestão de Políticas Públicas pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP); especialista em Gestão de políticas Públicas de Gênero e Raça pela Universidade de Brasília (UnB). É pesquisador no Grupo de Estudos e Pesquisa em História Oral e Memória (GEPHOM / EACH - USP). Integrou a rede de jovens pesquisadores da Cátedra Jean Monnet / FECAP entre 2020 e 2021, atuando no grupo de trabalho sobre migrantes e refugiados e foi professor da Faculdade IESCAMP (Campinas - SP), entre 2019 e 2021. Email: felipe.honorato@alumni.usp.br.

obtivesse a hegemonia, ao menos numérica, das expedições marítimas que vasculhavam esta parte do planeta. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica.

## **2. A entrada da França no advento colonial**

A França, no século XVI, não possuía política colonial (FERRO, 2017). O país começa a formar seu império no século XVII, com pequenas provisões e colônias de exploração (McCLELLAN III; REGOURD, 2001). De início, o país ocupou áreas periféricas nas Américas, costa da África e Oceano Índico (McCLELLAN III; REGOURD, 2001). O grande interesse, no entanto, é pela Ásia (FERRO, 2017): em 1644 são fundadas a Companhia Francesa das Índias Orientais e a Companhia Francesa das Índias Ocidentais (FERRO, 2017). A França, porém, enfrentará grande concorrência de holandeses e ingleses na região, o que tornará o projeto de colonizar áreas ali, ao menos neste momento, inviável (FERRO, 2017).

Já no século XVIII, muito por causa da produção de açúcar de São Domingo (atual Haiti) (McCLELLAN III; REGOURD, 2001), a França passa a rivalizar com a Inglaterra como maior potência colonial e mundial (McCLELLAN III; REGOURD, 2001).

## **3. A formação da “máquina colonial” francesa**

Como dito na introdução, a França tem uma tradição de envolvimento entre burocracia e impulso científico (GASCOIGNE, 2015); Gascoigne (2015) cita, também, uma ligação entre burocracia e centralização instintiva da informação. McClellan III e Regourd (2001) reafirmam esta narrativa, citando que o país, durante o *ancien régime*, representa um caso único para exploração das ligações entre ciência e colonização, destacando que lá houve a formação de uma máquina científico-burocrática, altamente burocratizada e centralizada, que atuou para defender os interesses nacionais e coloniais franceses, além dos interesses dinásticos da monarquia dos Bourbons. Esta estrutura cresceu

principalmente durante o século XVIII, quando justamente o império francês começou a se expandir.

O primeiro pilar desta máquina científico-burocrática, e que se mostrou basilar para o desenvolvimento do colonialismo francês foi o desenvolvimento da medicina (McCLELLAN III; REGOURD, 2001), principalmente das medicinas tropical e colonial. Neste tocante, teve papel essencial a Marine Royale, “um prodígio laboratório de pesquisa” (McCLELLAN III; REGOURD, 2001, p. 32). Com o passar do tempo, sociedades e academias de medicina foram se formando: Académie Royale de Chirurgie (1731), Académie Royale de Marine at Brest (1752), Société Royale de Médecine (1778) (McCLELLAN III; REGOURD, 2001). Algumas dessas academias e sociedades tinham representantes nas col nias e/ou recebiam relatórios sobre doenças tropicais; as academias ligadas à marinha tinham contato direto com tripulantes afetados por elas (McCLELLAN III; REGOURD, 2001). Além disto, foi estabelecida uma rede médica complementar instalada nas col nias, onde equipes apontadas pelo Estado eram empregadas e, dentre outras coisas, conduziam pesquisas in loco - a médecins du roi (McCLELLAN III; REGOURD, 2001).

A botânica e a história natural têm formaram uma engrenagem importante da máquina colonial francesa. A coleta e investiga o desses materiais e informa es começou com missionários e logo foi institucionalizado pelo governo francês: em 1635 foram estabelecidos os Jardin du Roi (McCLELLAN III; REGOURD, 2001); os Jardin du Roi, bem como Académie des Sciences, enviavam seus botânicos em expedi o às col nias, além de indicar nomes para cargos científicos em territórios coloniais (McCLELLAN III; REGOURD, 2001). Para estimular a agronomia colonial, foi criada, em 1763, a Chambres d'Agriculture (McCLELLAN III; REGOURD, 2001). No mesmo período, era fundada, em Paris, a Société Royale d'Agriculture (McCLELLAN III; REGOURD, 2001).

#### **4. A centralidade da participação do Estado francês na “corrida pela Oceania”**

A Paz de Paris encerrou a Guerra dos Sete anos em 1763 (GASCOIGNE, 2015). Conflito travado entre França, Inglaterra e aliados (GASCOIGNE, 2015), ele pode ser visto como uma acomodação de forças na Europa, em um momento em que Inglaterra e França se consolidavam como potências hegemônicas no mundo. Derrotada, a França se virou para o Pacífico como solução para encontrar novas terras e povos para ocupação, exploração e espoliação e equilibrar novamente o jogo de forças com os ingleses (GASCOIGNE, 2015). Neste período, a vastidão do Oceano Pacífico era praticamente desconhecida para o europeu e navegar por ele representava um grande desafio técnico: corria-se atrás de uma metodologia para determinar, com exatidão, posição e longitude (GASCOIGNE, 2015).

Explorar a Oceania, e conseqüentemente, desenvolver técnicas confiáveis para determinação de posição e longitude, neste período histórico, não se configurou como interesse específico dos franceses: a Inglaterra também se interessou pelo assunto. De forma curiosa, o que se viu foi uma cooperação das duas nações, rivais em muitos campos, neste processo (GASCOIGNE, 2015).

A expedição pioneira francesa no Pacífico foi a realizada por Louis Bougainville entre 1766 e 1769, que não contou com apoio estatal (GASCOIGNE, 2015). Bougainville adotou uma metodologia heterogênea, formada por diferentes técnicas fornecidas pela astronomia (como a observação lunar, por exemplo), para evitar “pontos cegos” em sua navegação (GASCOIGNE, 2015).

A partir de 1771 o Estado francês passou a apoiar algumas destas expedições, que, como resultado, ganharam caráter mais científico e puderam dispor de mais equipamentos (GASCOIGNE, 2015); com isso, importantes inovações foram introduzidas: começou-se a utilizar com frequência cronômetros na combinação de técnicas para determinação de posição e longitude (GASCOIGNE, 2015). O país, unilateralmente, passou a usar, de forma crescente,

técnicas e equipamentos ingleses em suas navegações: o horário do meridiano de Greenwich se tornou padrão, em detrimento da hora de Paris, além de muitos cronômetros de fabricação inglesa, por planejamento ou necessidade, terem sido incorporados a expedições da França (GASCOIGNE, 2015). Este momento serviu para marcar uma grande diferença entre expedições francesas e inglesas: as expedições organizadas pela França levavam muitos civis ligados às ciências à bordo, enquanto nas expedições inglesas a tripulação naval geralmente ficava encarregada pelas medições e pela leitura dos equipamentos astronômicos e geográficos (GASCOIGNE, 2015).

Em 1792, consolidando o caráter científico de seu projeto de determinação da latitude e mirando rivalizar à altura com os ingleses nesta “corrida tecnológica”, Os franceses acabaram por criar um órgão governamental dedicado ao assunto: o Bureau des longitudes (GASCOIGNE, 2015). O órgão, voltado para a astronomia, tinha sob sua responsabilidade o Observatoire de Paris e a École militaire.

A partir do início do século XIX, o uso de cronômetros para medição de longitude e posição se estabeleceu como metodologia mais acurada (GASCOIGNE, 2015). Nos navios franceses também se tornou comum a presença do círculo de Borda, equipamento de medição inventado na própria França (GASCOIGNE, 2015). Neste momento há a formação de uma conjuntura muito específica na Europa: as Guerras Napoleônicas se encerram, levando o continente a certa estabilidade. Tal estabilidade, por sua vez, permite que o capitalismo passe por uma fase de expansão, alimentada pelas Revoluções Industriais, que o levará a ter um caráter monopolista e expansionista. Este panorama faz com que nos períodos da Restauração (1814–30) e da Monarquia de Julho (1830–48) franceses as expedições para a Oceania sofram um boom, excedendo o número de viagens organizadas pelos ingleses (GASCOIGNE, 2015): foram realizadas as expedições Uranie, de Louis de Freycinet (1817–1820); Coquille, de Isidore Duperry

(1822–1825); Bayonnaise, de Louis de Tromelin (1826–1829); Bonite, de Auguste-Nicholas Vaillant (1836–1837), dentre outras (GASCOIGNE, 2015).

### **5. Considerações finais**

A exploração da Oceania e a busca pela precisão na determinação da latitude e da longitude mostraram a importância que a ciência tem para um Estado expansionista (GASCOIGNE, 2015) e, não à toa, a ciência ocupou lugar central nas justificativas para ocupação, exploração e espoliação de terras e povos estrangeiros na fase imperial do colonialismo. O caso francês, justamente, é o principal exemplo, dentre as antigas potências coloniais, do entrelace da ciência com o Estado e o ímpeto expansionista.

### **Referências bibliográficas**

FERRO, Marc. A colonização explicada a todos. São Paulo: Editora UNESP, 2017.

GASCOIGNE, John. Navigating the Pacific from Bougainville to Dumont d'Urville: French Approaches to Determining Longitude, 1766-1840. In: DUNN, Richard; HIGGIT, Rebekah (Eds.). Navigational Enterprises in Europe and its Empires, 1730-1850. London: Palgrave Macmillan, 2015, pp. 180-197.

McCLELLAN III, James; REGOURD, François. The Colonial Machine: French Science and Colonization in the Ancien Régime. *Osiris*, v. 15 (Nature and Empire: Science and the colonial Enterprise), University of Chicago Press, p. 31-50, 2001.